Discurso jornalístico em tempos de crise climática: a performance da Rádio Moçambique entre a objetividade e a subjetividade

Journalistic discourse in times of climate crisis: Radio Mozambique's performance between objectivity and subjectivity

Discurso periodístico en tiempos de crisis climática: el desempeño de Radio Mozambique entre la objetividad y la subjetividad

Kelly Kyabondo Mwenda; Nair Prata

Resumo

Moçambique é um país altamente vulnerável a eventos climáticos extremos, como ciclones e depressões tropicais, que têm impactado significativamente o modo de vida da população. A comunicação social, especialmente a Rádio Moçambique, desempenha um papel crucial na construção de narrativas sobre esses eventos. Este artigo analisa como o discurso jornalístico é construído na cobertura destes eventos extremos, considerando a vida das populações em zonas de risco. O estudo debate os princípios de objetividade e subjetividade jornalísticos e explora as estratégias de comunicação utilizadas para informar e sensibilizar o público. A metodologia adotada é qualitativa, com base

>> Como citar este texto:

MWENDA, Kelly Kyabondo; PRATA, Nair. Discurso jornalístico em tempos de crise climática: a performance da Rádio Moçambique entre a objetividade e a subjetividade. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 77-99, jan./abr. 2025.

Sobre a autoria

Kelly Kyabondo Mwenda
kellymwendaa@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-5588-8347>

Kelly Kyabondo Mwenda é mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista Capes, integra o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Nair Prata
nairprata@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9127-7720>

Jornalista (UFMG), mestre em Comunicação (Universidade São Marcos) e doutora em Linguística Aplicada (UFMG), estágio de pós-doutoramento em Comunicação na Universidad de Navarra (Espanha). Trabalhou durante 18 anos em emissoras de rádio, principalmente a Rádio Itatiaia. É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento da Universidade FUMEC.

na Análise do Discurso e na perspectiva funcionalista de Ruth Amossy (2008), além da perspectiva emotiva de Didi-Huberman (2016). O trabalho busca entender a intersecção entre afetos e comunicação, refletindo sobre o papel do jornalismo praticado pela Rádio Moçambique em contextos de vulnerabilidade e crise climática. Pretende-se contribuir para um entendimento mais profundo do impacto da comunicação na construção de narrativas em situações de emergência, especialmente em relação à percepção pública e à resposta política aos desastres climáticos. A análise visa explorar como as emoções são expostas ou evocadas pela cobertura midiática.

Palavras-chave: Rádio Moçambique; Discurso jornalístico; Crise climática; Objetividade; Subjetividade

Abstract

Mozambique is a country highly vulnerable to extreme weather events, such as cyclones and tropical depressions, which have significantly impacted the population's way of life. The media, especially Radio Mozambique, plays a crucial role in constructing narratives about these events. This article analyses how journalistic discourse is constructed in the coverage of these extreme events, considering the lives of populations in risk areas. The study discusses the principles of journalistic objectivity and subjectivity and explores the communication strategies used to inform and raise public awareness. The methodology adopted is qualitative, based on Discourse Analysis and Ruth Amossy's functionalist perspective (2008), in addition to Didi-Huberman's emotional perspective (2016). The work seeks to understand the intersection between affections and communication, reflecting on the role of journalism practised by Radio Mozambique in contexts of vulnerability and climate crisis. The aim is to contribute to a deeper understanding of the impact of communication on the construction of narratives in emergency situations, especially in relation to public perception and political response to climate disasters. The analysis aims to explore how emotions are exposed or evoked by media coverage.

Keywords: Radio Mozambique; Journalistic discourse; Climate crisis; Objectivity; Subjectivity

Resumen

Mozambique es un país muy vulnerable a fenómenos climáticos extremos, como ciclones y depresiones tropicales, que han tenido un impacto significativo en el modo de vida de la población. Los medios de comunicación, especialmente Radio Mozambique,

desempeñan un papel crucial en la construcción de narrativas sobre estos fenómenos. Este artículo analiza cómo se construye el discurso periodístico en la cobertura de estos fenómenos extremos, teniendo en cuenta la vida de las poblaciones en zonas de riesgo. El estudio debate los principios de objetividad y subjetividad periodísticos y explora las estrategias de comunicación utilizadas para informar y sensibilizar al público. La metodología adoptada es cualitativa, basada en el análisis del discurso y en la perspectiva funcionalista de Ruth Amossy (2008), además de la perspectiva emotiva de Didi-Huberman (2016). El trabajo busca comprender la intersección entre los afectos y la comunicación, reflexionando sobre el papel del periodismo practicado por Radio Mozambique en contextos de vulnerabilidad y crisis climática. Se pretende contribuir a una comprensión más profunda del impacto de la comunicación en la construcción de narrativas en situaciones de emergencia, especialmente en relación con la percepción pública y la respuesta política a los desastres climáticos. El análisis tiene como objetivo explorar cómo las emociones son expuestas o evocadas por la cobertura mediática.

Palabras clave: Radio Mozambique; Discurso periodístico; Crisis climática; Objetividad; Subjetividad

Introdução

Moçambique ocupa uma posição mundial considerada propensa a ser devastada por eventos climáticos, como depressões e ciclones tropicais. Nos últimos tempos, especialmente desde a eclosão do ciclone tropical IDAI, em 2019, o modo de vida do povo moçambicano tem se modificado, sobretudo na forma de encarar esses eventos, que frequentemente provocam enchentes em lugares afetados. Um dos principais desafios é a mobilização das populações que vivem em zonas de risco, muitas das quais construíram suas vidas com *machambas*¹, casas e outros bens de subsistência.

A comunicação social desempenha um papel fundamental na construção de narrativas que moldam a percepção pública sobre eventos climáticos, especialmente em contextos de crise. Em 2019, Moçambique foi atingido por dois dos ciclones tropicais mais destrutivos da história recente, IDAI e Kenneth.

¹ Palavra de origem Bantu que significa terreno agrícola, plantação ou campo cultivado.

Esses eventos expuseram não apenas as vulnerabilidades climáticas do país, mas também a importância do discurso jornalístico como uma ferramenta essencial na mobilização social e na gestão de desastres, com viés de persuasão e convencimento.

Nesse contexto, a Rádio Moçambique, a principal emissora pública de radiodifusão com cobertura em todo o território, desempenha um papel crucial na difusão de informações dos grandes centros urbanos às zonas rurais por via das ondas hertzianas. Esta difusão se amplia ainda mais com a migração ao espaço digital entre 2014-2015, com uma webrádio, um aplicativo e em mídias sociais, o que demonstra o interesse em estar mais perto do seu potencial público-alvo, sendo uma das principais fontes de informação de e sobre Moçambique. Por esta via, desde o devastador ciclone IDAI, a Rádio Moçambique tem sido preponderante na cobertura de diversos eventos climáticos.

O presente artigo propõe-se a analisar como o discurso jornalístico é construído pela Rádio Moçambique na cobertura de tempestades tropicais, considerando o modo de vida das populações que residem em zonas de risco. Invoca-se um debate em volta dos princípios de objetividade e subjetividade jornalísticos, para perceber qual dos dois se configura mais relevante na cobertura de eventos climáticos severos. Por via deste debate, explora-se as estratégias de comunicação noticiosa utilizada para informar e sensibilizar os ouvintes ou internautas, bem como o impacto dessas narrativas na gestão de crises.

Metodologicamente, o estudo é guiado por uma revisão bibliográfica e adota uma abordagem qualitativa, utilizando a Análise do Discurso como principal método, com base na perspectiva funcionalista de Ruth Amossy (2008), focando nos conceitos de convencimento e persuasão. Além disso, são explorados os afetos na perspectiva emotiva de Didi-Huberman (2016).

Por meio deste trabalho, busca-se explorar a intersecção entre afetos e comunicação, investigando como as emoções dos afetados são expostas ou evocadas pela cobertura midiática influenciam a percepção pública e a resposta

política dos atores governamentais aos desastres climáticos. Ademais, o estudo reflete sobre o papel do jornalismo em contextos de vulnerabilidade e crise climática, contribuindo para um entendimento mais profundo do impacto da comunicação na construção de narrativas em situações de emergência.

Contextualização

Moçambique está localizado na costa sudeste do continente africano, fazendo fronteira com o Oceano Índico a leste, Tanzânia ao norte, Malawi e Zâmbia a noroeste, Zimbabwe a oeste, e Eswatini (antiga Suazilândia) e África do Sul ao sul. O país possui uma área de aproximadamente 801.590 quilômetros quadrados. Tem uma linha de costa com cerca de 2700 km de extensão. A costa é caracterizada por uma diversidade de habitats.

De acordo com o Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastre (INGD) (2017), Moçambique é um país propenso a calamidades naturais, pois o país sofre em média 1.17 desastres de grande magnitude por ano e é visto como estando numa das três regiões mais expostas aos desastres resultante da sua localização na foz de nove rios internacionais, a longa extensão do território localizado na zona de convergência intertropical sujeita a perdas e ganhos excessivos de umidade, a extensa zona costeira que sofre de ciclones tropicais, e a existência de zonas de atividade sísmica ativa.

Conforme dados do Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastre (2016), os eventos climáticos significativos ocorridos em Moçambique após a independência, em 1975, foram as secas de 1981-1984; 1991-1992; 1994-1995, 2002, 2009-2010, 2011-2012, 2014-2015 e as inundações de 1977-1978; 1985, 1988, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005-2006, 2007, 2008, 2013 e 2015.

Entre 2015 e 2023, destacam-se os ciclones Dineo, IDAI, Kenneth e outras depressões tropicais que devastaram o país. Em fevereiro de 2017, o ciclone Dineo atingiu a província de Inhambane - sul de Moçambique -, afetando cerca de 550.000 pessoas e resultando em pelo menos sete mortes.

Em 2019, ocorreu o IDAI, um dos ciclones mais intensos já registrados no

Hemisfério Sul. Atingiu principalmente a cidade da Beira (província central de Sofala) e parte da província central de Manica, causando inundações que afetaram mais de três milhões de pessoas e resultaram em aproximadamente 1.300 mortes. Menos de um mês após o IDAI, o ciclone Kenneth chegou à província de Cabo Delgado, sendo o mais forte a passar pelo norte de Moçambique. Com ventos de até 220 km/h, Kenneth causou a morte de 45 pessoas e afetou mais de 400.000, destruindo casas, escolas e hospitais. Os danos econômicos foram estimados em cerca de 100 milhões de dólares, agravando a situação de insegurança alimentar na região.

Entre 2020 e 2023, Moçambique continuou a enfrentar depressões tropicais, como a tempestade tropical Chalane (2020) e Eloise (2021), que trouxeram chuvas fortes e inundações, exacerbando a vulnerabilidade das comunidades afetadas. O Instituto Nacional de Gestão de Risco de Desastres, juntamente com órgãos de informação como a Rádio Moçambique, têm trabalhado na divulgação, educação e mobilização das populações sobre os riscos e implementar medidas de prevenção. Contudo, estes eventos sublinham a necessidade de uma gestão eficaz do risco de desastres de uma comunicação estratégica que possa salvar vidas e reduzir os danos socioeconômicos causados por estas tempestades.

A Rádio Moçambique

A Rádio Moçambique é a primeira emissora estatal de radiofonia, fundada a 2 de outubro de 1975 (ano da independência do país) e herdou o patrimônio da Rádio Clube de Moçambique, que era a principal emissora da colônia portuguesa, criada em 1932 em Lourenço Marques, atual Maputo, com o objetivo de publicar e publicizar as conquistas alcançadas pelos portugueses durante a guerra. Assim, a Rádio Moçambique resulta da nacionalização e fusão das rádios Clube de Moçambique, Aeroclube da Beira, PAX e outras emissoras regionais.

A estação radiofônica possui uma cobertura em todo território moçambicano, transmitindo em Frequência Modulada, Amplitude Modulada e,

atualmente, também presente na infraestrutura digital por meio de uma webrádio, aplicativo para *smartphones* e em mídias sociais, como Facebook, X, YouTube e Instagram. A emissora é crucial na educação, informação e entretenimento, especialmente em um território com diversidade cultural, pois fornece os seus serviços em mais de 20 línguas nacionais além do português, que é o idioma oficial e inglês.

O meio rádio desempenha papel preponderante em todas as sociedades do mundo, principalmente na África, que tem traços fortes da tradição oral. O rádio facilita ao público menos escolarizado, pelas características do meio que se baseia na oralidade. De acordo com o último censo populacional realizado em 2017, Moçambique possui aproximadamente 30 milhões de habitantes, um aumento de 38% em relação ao censo de 2007. Desses, mais de 22 milhões vivem em condições precárias, com 63% abaixo da linha de pobreza, segundo relatório da ONU (2021), através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Existem desigualdades relacionadas à falta de acesso aos serviços de saúde, educação formal e água potável, entre outros.

Atualmente, mais de 40% da população não tem acesso à educação formal. Segundo o último relatório digital da Datareportal (2024), dos 30 milhões de habitantes, apenas 7,96 milhões têm acesso à internet, correspondendo a 23,2% da população, sendo que a maioria acessa através de dispositivos móveis. No entanto, dado que a maioria da população ouve rádio por meio de receptores em FM ou AM, é evidente a importância do rádio como meio de comunicação e, especificamente, da Rádio Moçambique, que se destaca como a principal emissora com maior cobertura no país.

Discurso jornalístico em contexto de crise

A palavra discurso apresenta um aspecto polissêmico, ou seja tem muitas significações de acordo com o ramo de estudo. Num sentido lato, o discurso é entendido como um conjunto de ideias organizadas através da fala, de modo a propiciar um determinado raciocínio ou linha de pensamento. Na concepção de

Benveniste (1974), o discurso é a expressão da língua como instrumento de comunicação. Desta feita, o discurso não atravessa todos os elementos da experiência, como também está em todo conjunto de formas que comunica um conteúdo, a qualquer que seja a linguagem a qual pertencem (Foucault, 1970).

O discurso jornalístico é a forma específica de comunicação utilizada pelos meios de comunicação para relatar, interpretar e contextualizar eventos e informações de interesse público. É caracterizado classicamente pelos princípios da objetividade, clareza e precisão, envolvendo diversos dispositivos, como o impresso, digital, rádio e a televisão. No caso da presente pesquisa, o discurso que nos referimos é o radiojornalístico, tendo em conta a cobertura da Rádio Moçambique em situações de calamidades naturais.

Conforme Amossy (2008), a argumentação é a parte do funcionamento discursivo, neste caso, nem toda tomada de fala é destinada a conquistar a adesão do auditório a uma tese, pois mesmo sem a intenção de persuadir ou convencer, muitas vezes, busca exercer alguma influência no receptor, orientando modos de ver e de pensar sobre o mundo que os rodeiam, pelo poder da comunicação ou discursos no seu todo.

A comunicação é uma ferramenta crucial para a vida cotidiana do ser humano, principalmente em contexto de crise e, na visão de Amossy (2008), toda troca verbal repousa sobre um jogo de influências mútuas e sobre a tentativa, mais ou menos consciente e reconhecida, de usar a fala para agir sobre o outro. Ela põe em evidência a força da fala.

A Rádio Moçambique, sendo uma emissora com caráter dominante em Moçambique, influencia os seus ouvintes na maneira de pensar e agir, através do seu discurso. Como defende Charaudeau (2005) *apud* Amossy (2008), todo ato de linguagem emana de um sujeito que gere sua relação com o outro - princípio de alteridade -, de modo a influenciá-lo - princípio de influência -, tendo de gerir uma relação na qual o parceiro tem seu próprio projeto de influência, desaguando no princípio de regulação.

Ademais, num ato comunicativo a que fazer menção da presença da

retórica, considerada, numa primeira instância, o caminho para convencer (fazer crer) e, em segunda, persuadir (fazer fazer), mas esta retórica geralmente carrega uma carga de emoção numa perspectiva de mobilização ou ação. Nesta perspectiva, Didi-Huberman (2016) considera a emoção em um ato comunicativo como um gesto primitivo, com poder de transformação da memória em desejo do passado em futuro, tristeza em alegria, tendo em conta que as manifestações das emoções, como o choro ou sorriso, são uma linguagem universal inata e não adquiridas.

A emoção é um elemento fundamental no discurso jornalístico, desempenhando um papel central na forma como as narrativas são construídas e recebidas pelo público. Didi-Huberman (2016) explora a ideia de que as emoções são mais do que simples reações individuais; elas são fenômenos que envolvem tanto o corpo quanto a sociedade, criando conexões profundas entre o emissor e o receptor da mensagem. No contexto do jornalismo, essa perspectiva sugere que o apelo emocional por intermédio das notícias pode ser tão importante quanto os fatos em si, já que as emoções têm o poder de engajar a audiência de maneira intensa e imediata, principalmente em situações sensíveis atravessadas pelos eventos climáticos severos.

Didi-Huberman (2016) argumenta que a emoção pode ser entendida como, em francês *motion*, em português traduzida para *moção*, que seria um movimento que nos leva para fora de nós mesmos, abrindo-nos para o mundo ao nosso redor. Este fato no campo do jornalismo pode se traduzir na capacidade das narrativas emocionais de fazer o público não apenas compreender, mas também sentir os eventos relatados e se movimentar. Essa mobilização afetiva é particularmente relevante em reportagens sobre crises ou catástrofes, onde a emoção pode gerar um senso de urgência e solidariedade, mobilizando a sociedade para a ação coletiva. Nesse sentido, a emoção não é apenas um complemento ao discurso factual, mas uma força motriz e urgente que pode alterar percepções e incentivar a participação ativa.

Além disso, Didi-Huberman (2016) propõe que a emoção, longe de ser uma

fraqueza, deve ser vista como um "privilégio" da condição humana. Na cobertura jornalística, implica reconhecer a legitimidade das emoções como componentes essenciais da comunicação. A abordagem tradicional do jornalismo, que enfatiza a objetividade e a racionalidade, muitas vezes negligencia o potencial da emoção para transmitir verdades profundas e impactantes. As narrativas que incorporam elementos emocionais têm a capacidade de ressoar mais fortemente com o público, tornando a informação não apenas compreensível, mas também significativa e memorável.

A emoção, sob a lente do autor, também atua como uma força que transcende o indivíduo, conectando-o a algo maior, seja uma comunidade, uma causa, ou uma ideia. Esta força permite que as narrativas emocionais criem um senso de pertencimento e de compromisso entre os membros da audiência. As histórias que evocam emoção têm o poder de unir pessoas em torno de questões sociais ou humanitárias, amplificando o impacto da mensagem e promovendo mudanças significativas na sociedade.

Contudo, as emoções não apenas complementam o discurso factual, mas o enriquecem, proporcionando uma dimensão adicional que alcança tanto a mente e, no nosso entender, também o coração dos receptores. No campo do jornalismo, essa perspectiva sugere que a integração consciente da emoção nas narrativas pode melhorar a eficácia da comunicação, especialmente em situações onde a mobilização do público é essencial. As emoções, assim, tornam-se uma ferramenta indispensável para o jornalista, capaz de transformar a informação em uma experiência compartilhada que engaja e inspira ação.

Na África, o jornalismo é consequência da dominação colonial, atividade configurada como um produto de urbanização, consequência da assimilação dos modelos culturais ocidentais; neste sentido, a atividade jornalística nas ex-colônias portuguesas, como Moçambique por exemplo, está intimamente relacionada com a prática de educação formal, baseada na tradição eurocêntrica. Apesar disso, esta atividade encontra-se em trânsito, pois foi apropriada e transformada em uma ferramenta essencial das e para as comunidades

africanas, ao criar estratégias comunicativas responsáveis que orientam, estruturam e reorientam por meio do jornalismo, consolidando-o como uma ferramenta democrática viável.

Tendo em conta a tradição eurocêntrica, o jornalismo se baseia na objetividade, um princípio que, na perspectiva de Moraes e Silva (2019), se foca nas premissas da neutralidade, clareza e não contaminação. Este princípio se trata de uma estrutura epistêmica que delinea não somente o jornalismo, mas a sociedade como um todo, pois a objetividade tem como inspiração a racionalidade moderna, preconizada no iluminismo e pelo positivismo.

Na base do jornalismo, conforme Grosfoguel (2016) *apud* Moraes e Silva (2019), a racionalidade delinea as noções de verdade e credibilidade que se assentam em uma estrutura mental positivista, binária e simplificadora para a apreensão dos acontecimentos, partindo do negacionismo e interdição da subjetividade nos processos cognitivos e baseando seus métodos e técnicas em estratégias típicas do cientificismo moderno. Assim, as bases desta racionalidade repousam no “racismo/machismo epistêmico” forjado na colonização.

Com base neste jornalismo do ponto de vista da objetividade, que surgiu para iluminar áreas escuras da sociedade, surge a imprensa em diferentes nações africanas após alcançar suas independências. Em Moçambique, o jornalismo surgiu nos grandes centros urbanos, praticado por cidadãos que conseguiram assimilar o saber ler e escrever a língua portuguesa, com pouca exigência na teoria e técnicas do jornalismo.

Nesta perspectiva, é necessário optar pela apologia da implementação ao jornalismo que se baseia na subjetividade, uma atividade que, segundo Moraes e Silva (2019), olha, opta e sobretudo pauta pela realidade social, tendo em conta a cultura e localização:

Um jornalismo que se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível, na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por eles são enquadrados [...] propomos um jornalismo que inscreve o

sujeito como central nos processos cognitivos de leitura da realidade, rompendo com a noção de neutralidade e universalidade na qual se assenta epistemologicamente.

As autoras não propõem uma subjetividade como antônima da objetividade, mas como complementaridade. Um jornalismo de subjetividade que se aproxima da noção de objetividade situada de Dona Horaway, que seria a localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre o sujeito e objeto.

O jornalismo subjetivo no contexto moçambicano desempenha um papel preponderante em diferentes maneiras. Servindo de base para ampliação de vozes em situações de crise, permitindo que suas histórias sejam contadas de maneira mais intimista e emocional. A subjetividade permite que os jornalistas não só relatem os fatos, mas também expressem suas reações e percepções sobre mudanças climáticas, mobilizando as populações que vivem em zonas propensas a inundações. Em suma, o jornalismo subjetivo oferece alicerces como resistência à desumanização tendo em conta as diversas realidades locais africanas.

Análise do Discurso jornalístico na cobertura de tempestades tropicais

No presente artigo escolhemos, de forma aleatória, três textos da Rádio Moçambique em cobertura de tempestades tropicais, que nos possibilitam fazer uma análise possível para alcançar os nossos objetivos, caminhos e direcionamentos do discurso jornalístico da maior estação radiofônica moçambicana, tendo em conta as ferramentas retóricas de convencer e persuadir.

Texto 1:

Data da publicação: 31 de janeiro de 2022

Autor: Domingos Pedro Cadeado

O delegado do Instituto Nacional de meteorologia de Manica Alexandre Tique diz que os efeitos do Ciclone tropical Batsirai, que se formou da costa do oceano indico, poderão se fazer sentir em algumas regiões desta província.

Segundo Alexandre Tique o ciclone tropical Batsirai se intensificou nas últimas vinte e quatro horas e nas águas oceânicas e até agora ainda não atingiu as Ilhas Maurícias.

Alexandre Tique fez saber que o Batsirai está muito distante não só das Ilhas Maurícias, bem como também do Madagascar e segundo previsões meteorológicas, até ao dia quatro Fevereiro poderá estar próxima das Ilhas Reunião, muito distante da costa.

O Delegado do INAM em Manica o ciclone Batsirai, não deve constituir motivo de alarme para a população da Província de Manica.

Gravação INAM1

Alexandre Tique apela a população desta região do País a manter a calma face a possível eclosão do ciclone tropical Batsirai que está em formação nas águas oceânicas do Indico.

Gravação INAM2

Alexandre Tique, Delegado do Instituto Nacional de meteorologia de Manica e a possível passagem do Ciclone Batsirai desta parcela do país, dentro dos Próximos dias. (X)

Este texto é de autoria do jornalista Domingos Cadeado. O sujeito principal do discurso é Alexandre Tique, delegado do Instituto Nacional de Meteorologia (INAM) na província de Manica. Ele é a fonte de autoridade no texto, proporcionando informações técnicas sobre o ciclone tropical Batsirai e tranquilizando a população sobre os possíveis impactos na região.

Por meio desta notícia, nota-se que o objetivo do discurso de Alexandre Tique é claro, fornecer informações sobre o ciclone Batsirai e, ao mesmo tempo, acalmar a população da província de Manica. A intenção é prevenir o pânico e garantir que as pessoas permaneçam calmas, apesar da ameaça potencial representada pelo ciclone. Isso é evidente nas falas que enfatizam a distância do ciclone e a minimização dos riscos para a região.

Temos o uso de uma autoridade científica, como estratégia de persuasão, pois a fonte usa dados meteorológicos e previsões científicas, o que confere credibilidade à sua mensagem. Ele menciona a intensidade do ciclone e sua localização geográfica específica, usando termos técnicos que reforçam sua expertise. outra estratégia é a minimização de risco, apesar de reconhecer a formação do ciclone e seu potencial impacto, Tique frisa que o Batsirai está "muito distante" e que "não deve constituir motivo de alarme." Essa técnica retórica é usada para reduzir a ansiedade e o medo entre os ouvintes.

O discurso se apresenta como predominantemente racional, focado em fornecer informações factuais e científicas sobre a situação do ciclone. A ênfase está na lógica e na razão, explicando de forma calma e detalhada por que o ciclone não deve ser motivo de preocupação imediata. Embora o apelo seja principalmente racional, há também um componente emocional na forma como o discurso é construído. O apelo à calma (“manter a calma face a possível eclosão”) é uma tentativa de controlar a resposta emocional do público, garantindo que a população não entre em pânico.

O texto segue uma estrutura linear e informativa. Começa com uma introdução do fenômeno (o ciclone Batsirai), segue para uma atualização sobre a sua intensidade e localização, e termina com um apelo para que a população mantenha a calma. A organização do texto é lógica, movendo-se de fatos científicos para orientações práticas. O discurso desempenha uma função social importante ao tentar manter a ordem e prevenir o pânico em uma situação potencialmente crítica. Além de informar, o delegado do INAM usa sua posição para influenciar a forma como a comunidade interpreta e reage às informações sobre o ciclone.

Texto 2:

Data da publicação: 6 fevereiro de 2022

Autor: Domingos Pedro Cadeado

Administrador do distrito de Chimoio em Manica Daniel Andicene apela a população a construir casas resilientes a intempéries, face a mudanças climáticas que nos últimos anos assolam o mundo e duma forma particular a província de Manica.

Daniel Andicene recorda que os efeitos das mudanças climáticas causaram a destruição de diversas infra estruturas, nos últimos três anos, aquando da passagem dos ciclones IDAI, ELOISE, CHALENE e muito recentemente da depressão tropical moderada ANA.

Esta situação, segundo o dirigente ilustra o elevado grau de vulnerabilidade de muitas famílias que construíram casas com base em material precário estão expostos.

O Chefe do Conselho executivo de Chimoio disse que o Governo do distrito de Chimoio está a apoiar as pessoas necessitadas, que perderam suas casas há duas semanas, aquando da passagem da depressão tropical moderada ANA.

Daniel Andicene pede aos cidadãos deste ponto do País a observarem as medidas de segurança para que os próximos efeitos calamitosos não crie dor e nem luto dentro das famílias do distrito de Chimoio.

Gravação Daniel Andicene

Entretanto as famílias afectadas pela depressão tropical “ANA” agradecem o gesto do governo e pedem para que iniciativa abranja mais famílias na mesma situação.

Gravação Beneficiário

Beneficiários do gesto de solidariedade efectuado pelo Governo do Distrito de Chimoio em Manica, aos afectados pela depressão tropical “ANA”.

A presença do autor do texto - Domingos Cadeado - não se nota, pois o principal sujeito do discurso é Daniel Andicene, administrador do distrito de Chimoio na província de Manica. Ele fala em nome do governo local, abordando tanto as consequências das mudanças climáticas quanto as medidas necessárias para mitigar esses impactos. Andicene também representa a voz do poder público, fornecendo orientações e suporte às populações afetadas.

O objetivo do discurso de Daniel Andicene é duplo, primeiramente, conscientizar a população sobre a importância de construir casas resilientes, e ao mesmo tempo, reconhecer e responder às necessidades daqueles que já foram afetados por desastres naturais. A intenção subjacente é fortalecer a resiliência comunitária e reduzir a vulnerabilidade diante das frequentes mudanças climáticas que assolam a região.

Andicene utiliza uma estratégia de persuasão que incentiva a ação preventiva. Ao recomendar que a população construa casas resilientes, ele não só informa, mas também orienta a adoção de medidas práticas que podem mitigar os impactos futuros das mudanças climáticas. O administrador faz referência direta aos efeitos devastadores dos ciclones IDAI, ELOISE, CHALANE e da depressão tropical ANA, que ocorreram nos últimos três anos. Essa estratégia de rememoração serve para legitimar o seu apelo, reforçando a urgência e a relevância de suas recomendações. O discurso também incorpora elementos de empatia e solidariedade, reconhecendo o sofrimento das famílias afetadas e destacando os esforços do governo em apoiá-las. Essa estratégia busca criar uma conexão emocional com o público, ao mesmo tempo que fortalece a confiança nas ações governamentais.

O discurso apela à racionalidade ao destacar a importância de construir casas resilientes como uma resposta lógica e necessária às mudanças climáticas. O argumento é construído com base em evidências dos danos causados por eventos anteriores, reforçando a ideia de que a prevenção é uma medida prudente. Há um apelo emocional claro na forma como Andicene reconhece a dor e o sofrimento das famílias afetadas. Ele menciona a “dor e luto” que as catástrofes podem trazer, e esse uso da linguagem emocional é uma tentativa de sensibilizar a população para a gravidade da situação e para a necessidade de tomar medidas preventivas.

O texto é organizado de maneira que inicialmente estabelece o contexto (mudanças climáticas e vulnerabilidade), depois apresenta a solução proposta (construção de casas resilientes), e por fim, aborda a resposta governamental às necessidades imediatas das pessoas afetadas. Essa estrutura é lógica e progressiva, guiando o leitor do problema para a solução e, finalmente, para a ação governamental. O discurso cumpre uma função social importante ao educar e orientar a população sobre práticas de construção resiliente, ao mesmo tempo que fortalece a confiança nas instituições governamentais por meio do reconhecimento e apoio aos afetados. Ele também atua para mitigar futuras crises, promovendo a preparação e a resiliência comunitária como respostas às mudanças climáticas.

Texto 3:

Data da publicação: 26 de fevereiro de 2023

Autor: Daniel Oliveira

A brigada central de monitoria e assistência a província de Manica reforça o apelo a população para se retirar das zonas ribeirinhas e abrigar-se em locais seguros face a previsão da ocorrência de eventos naturais extremos. O repto foi lançado este sábado no fim da visita de trabalho de quatro dias a província de Manica pelo ministro de ciência tecnologia, ensino superior e técnico profissional Daniel Nivagara.

Durante este período de estadia na província de Manica, a brigada central manteve encontros com o comité operativo de emergência a todos os níveis e com a população dos distritos de Sussundenga, Guro, Mossurize, Macate e Gondola.

Daniel Nivagara defende a necessidade da contínua monitoria e manter criadas as condições necessárias nos centros de acolhimento

recentemente activados para melhor gerir os fenómenos naturais.

Som

Daniel Nivagara diz que termina visita de trabalho a província de Manica bem impressionado com os níveis de preparação desde a criação de centros de acolhimento, condições sanitárias e de assistência humanitária em caso de emergência e destaca a união.

Som

Ministro de ciência Tecnologia, ensino superior e técnico profissional, Daniel Nivagara, e o balanço de visita de trabalho de quatro dias em Manica no âmbito de assistência e monitoria das acções desenvolvidas pelo comité operativo de emergência nesta parcela do país face a ameaça da Tempestade tropical severa.

O autor deste texto é Daniel Oliveira, no entanto, o sujeito principal do discurso é Daniel Nivagara, ministro de Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional de Moçambique. Ele fala em nome da brigada central de monitoria e assistência, que estava em visita de trabalho à província de Manica. A Rádio Moçambique, como meio de comunicação, atua como mediadora, transmitindo a mensagem ao público.

O discurso de Daniel Nivagara tem como objetivo principal reforçar a necessidade de preparação e prevenção diante da ameaça de eventos naturais extremos, especificamente na província de Manica. A intenção é dupla: primeiro, instigar a população a se retirar das zonas ribeirinhas e buscar abrigo seguro; segundo, destacar os esforços do governo em monitorar, preparar e criar condições adequadas nos centros de acolhimento para mitigar os impactos desses desastres.

Nivagara faz um apelo direto à população para que tome medidas preventivas, como a retirada das zonas ribeirinhas. Esse apelo é reforçado pela autoridade que ele detém como ministro, além do respaldo da brigada central que acompanhou a situação in loco. A urgência da mensagem é uma estratégia chave para persuadir a população a agir antes que os desastres ocorram. O ministro enfatiza o preparo e a organização dos centros de acolhimento, mencionando as boas condições sanitárias e a assistência humanitária disponíveis. Isso busca transmitir segurança e confiança à população, indicando que o governo está devidamente preparado para lidar com a emergência, o que

fortalece a credibilidade das recomendações.

A comunicação se posiciona com aspecto racional, com foco na necessidade de monitoramento contínuo e na preparação logística dos centros de acolhimento. O ministro cita a criação de condições adequadas como uma forma de gerir eficientemente os fenômenos naturais, o que é uma tentativa de apelar ao bom senso da população, ressaltando que a prevenção é a melhor estratégia para mitigar riscos. Embora o apelo emocional seja evidente, ele está presente na menção à "união" durante a visita de trabalho. Esse aspecto do discurso visa criar um sentimento de coesão social, onde a comunidade, governo e outras entidades estão trabalhando juntas para superar os desafios impostos pelas condições climáticas adversas.

O discurso é organizado de maneira clara e sequencial, iniciando com o apelo à população para que tome precauções específicas, seguido pela descrição das ações governamentais em curso para garantir a segurança. O balanço final da visita reflete uma estrutura lógica que leva o público da situação atual (ameaça iminente) para as ações tomadas (preparação e monitoramento) e, finalmente, para a avaliação positiva dos esforços empreendidos.

A função social deste discurso é mobilizar a população em torno de medidas preventivas, ao mesmo tempo que reafirma o compromisso do governo com a segurança e o bem-estar dos cidadãos. Ao destacar a preparação e os recursos disponíveis, o discurso visa não só evitar o pânico, mas também promover uma resposta coordenada e eficaz a potenciais desastres naturais. A mensagem transmite um senso de responsabilidade compartilhada, onde tanto o governo quanto a população têm papéis importantes na minimização dos riscos.

A presença do jornalista na notícia: entre a objetividade e subjetividade

Tomando como base os três textos analisados, escritos por Domingos Pedro Cadeado (Textos 1 e 2) e Daniel Oliveira (Texto 3), percebe-se que o

jornalismo da Rádio Moçambique adota uma abordagem alinhada ao modelo informativo tradicional, centrada na objetividade e na apresentação factual das informações. Essa postura, embora reafirme um dos pilares ou gênese da prática jornalística - a imparcialidade -, levanta questões relevantes sobre o lugar do jornalista na narrativa enquanto ser humano e, os efeitos dessa escolha discursiva nos públicos receptores, sobretudo em contextos de crise climática.

Nos três textos, os jornalistas mantêm-se à margem da cena noticiada, ocupando um lugar neutro, invisível, que privilegia as vozes institucionais - como as de Alexandre Tique, Daniel Andicene e Daniel Nivagara - e evita qualquer forma de interferência emocional ou interpretativa. Esta opção reitera a lógica da credibilidade apoiada na suposta neutralidade jornalística. No entanto, conforme argumenta Amossy (2011), mesmo os discursos que se pretendem objetivos são construções enunciativas marcadas por estratégias argumentativas. A escolha de não se envolver também é um posicionamento discursivo, e, portanto, nunca é inteiramente neutra.

Essa neutralidade, quando excessiva, pode restringir a potência comunicacional da notícia. Didi-Huberman (2016) aponta que a emoção não é um adorno no discurso, mas um operador político e epistêmico capaz de mobilizar sentidos, afetos e ações. Ao ignorar as dimensões emocionais dos eventos – especialmente em contextos de emergência climática – os textos analisados caminham para a perda de chance de gerar empatia, alerta coletivo e resposta social mais efetiva. A simples exposição dos dados e declarações oficiais não é suficiente para traduzir o drama vivido por comunidades ameaçadas por ciclones e depressões tropicais.

Ademais, Moraes e Silva (2019) defendem a subjetividade como uma estratégia jornalística legítima e necessária, sobretudo em sociedades marcadas por desigualdades estruturais e vulnerabilidades históricas. Nos textos dos jornalistas Domingos Cadeado e Daniel Oliveira, observa-se a ausência dessa subjetividade, pois os jornalistas optam por um distanciamento, não apenas dos eventos, mas também das experiências humanas associadas a eles,

experiências que se revelam no tocar, olhar, sentir, paladar e por fim, a experiência estética defendida por Moriceau (2021). Essa escolha pode esvaziar o texto de camadas críticas e afetivas que poderiam reforçar o caráter público e democrático do jornalismo.

O relato de Domingos Cadeado sobre o ciclone Batsirai, por exemplo, poderia ter sido enriquecido com depoimentos de moradores locais, registros sensoriais ou descrições que evocassem o medo, a resistência ou a perda. Esses elementos subjetivos ampliariam o campo da narrativa e funcionariam como pontes emocionais com o leitor, sem comprometer a veracidade dos fatos. Da mesma forma, o segundo texto do autor, ao descrever os danos causados pelas tempestades, poderia ter assumido uma posição mais crítica, questionando a infraestrutura precária ou a lentidão na resposta estatal, ao invés de apenas listar consequências.

Por sua vez, Daniel Oliveira, ao reportar a visita do ministro Nivagara, restringe-se a repetir o discurso institucional, sem tensionar as contradições entre a retórica oficial e as reais condições vividas pelas comunidades. Uma abordagem mais subjetiva poderia ter iluminado as desigualdades territoriais e as fragilidades das políticas públicas diante das mudanças climáticas, colocando o jornalismo a serviço da escuta e da visibilidade dos sujeitos historicamente silenciados.

Assim, ao analisarmos os textos à luz de Amossy, Didi-Huberman e Moraes, percebemos que a objetividade jornalística, quando aplicada rigidamente, pode se transformar em apagamento. Em tempos de catástrofes, urgência humanitária e disputas por sentido, defendemos que o lugar do jornalista não pode ser apenas o de relatar, mas o de construir pontes entre os fatos e os afetos – articulando emoção, argumentação e subjetividade para oferecer à sociedade uma narrativa mais íntegra, sensível e transformadora.

Considerações finais

A análise dos discursos jornalísticos veiculados pela Rádio Moçambique

durante a cobertura de tempestades tropicais evidencia uma orientação comunicacional centrada na objetividade, na clareza e na fidelidade aos dados factuais. Embora tais características sejam tradicionalmente associadas à credibilidade e à legitimidade do fazer jornalístico, observou-se que essa mesma objetividade, quando empregada de forma rígida, pode limitar o potencial de envolvimento emocional do público, comprometendo, assim, a sua capacidade de mobilização social em contextos de emergência.

À luz da teoria argumentativa de Ruth Amossy (2011), compreende-se que todo discurso, inclusive o jornalístico, é construído a partir de escolhas enunciativas que visam convencer ou influenciar o interlocutor. Dessa forma, mesmo a objetividade proclamada carrega marcas argumentativas que poderiam ser potencializadas por elementos subjetivos e afetivos, sobretudo diante de eventos climáticos extremos, em que a resposta coletiva depende não apenas da informação transmitida, mas também da maneira como ela é narrada e recebida.

Nesse contexto, Didi-Huberman (2016) propõe uma reflexão fundamental sobre o papel das emoções nos processos de construção de sentido. As emoções, longe de desqualificarem a informação jornalística, podem ampliar sua potência expressiva e política, tornando o discurso mais sensível às experiências humanas e mais eficaz na convocação à ação. A ausência desse componente emocional, como verificado nos textos analisados, pode comprometer a ressonância social das mensagens e sua capacidade de gerar empatia, engajamento e transformação.

Complementarmente, as contribuições de Moraes e Silva (2019) sobre a subjetividade no jornalismo apontam para a urgência de se reconsiderar o lugar do jornalista na narrativa, especialmente em coberturas marcadas pela desigualdade social, vulnerabilidade e crise. A subjetividade como complemento à objetividade, entendemos que não compromete a ética jornalística; ao contrário, ela pode fortalecer seu compromisso com a escuta, a representatividade e a justiça informativa.

Em suma, reconhecemos que o princípio da objetividade continua a ser um

fundamento essencial do jornalismo. No entanto, torna-se imperativo incorporá-lo de maneira crítica e dialógica com a subjetividade como um recurso complementar, sobretudo quando se trata da cobertura de eventos de natureza humanitária e ambiental. Um jornalismo comprometido com os princípios democráticos e sensível às transformações sociais deve buscar equilibrar esses dois eixos, favorecendo uma prática comunicacional que informe, desperte ação, emocione e mobilize.

Assim, conclui-se que a integração entre emoção, argumentação e subjetividade pode contribuir para a consolidação de um jornalismo que podemos considerar ético, profissional, inclusivo e responsivo às urgências da atual temporalidade. Esta que se comporta com recorrentes cenários de desastres climáticos e desigualdades estruturais, tal perspectiva não apenas amplia o alcance comunicacional das narrativas jornalísticas radiofônicas, como também reafirma o papel do jornalismo como instrumento de cidadania e participação pública.

Referências

- AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 1974.
- DATAREPORTAL. *Global Digital Overview 2024*. Datareportal, 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-mozambique>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada no dia 2 de Dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga Sampaio.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censo populacional de Moçambique 2017*. Disponível em: https://ine.gov.mz/censo-2017/-/document_library/pfpz/view/44367. Acesso em: 12 de agosto de 2024.
- MOÇAMBIQUE. Conselho de Ministros. *Plano Diretor para a Redução do Risco de Desastres 2017-2030*. Aprovado pela 36ª Sessão Ordinária do Conselho de Ministros, 17 de outubro de 2017.
- MORAES, Fabiana; DA SILVA, Marcia Veiga. A objetividade jornalística tem raça e tem

gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *Compós*, Porto Alegre, 2019.

MORICEAU, Jean-Luc. Escritura e afetos. In: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos (Orgs.). *Afetos: teses e argumentos*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021. p. 17–32.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano 2021*. Nova York: ONU, 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/10/1765812>. Acesso em: 5 ago. 2024.